

I

A cidade de Nikolaievsk-no-Amur — O Baikal — O Cabo de Prongue e a entrada no estuário — A península de Sacalina — La Pérouse, Broughton, Krusenstern e Nevelskói — Exploradores japoneses — O Cabo de Djaoré — A costa da Tartária — De Castries

Cheguei de barco a Nikolaievsk, um dos pontos mais orientais do nosso país, a 5 de Julho de 1890. O rio Amur é aqui bastante largo e a cidade está situada apenas a vinte e sete *verstás*¹ do mar. O local é belo, majestoso mesmo, mas a recordação do seu passado, a descrição que os meus companheiros de viagem me fizeram dos seus Invernos duros e dos seus costumes não menos duros, a proximidade da prisão dos condenados a trabalhos forçados, bem como o próprio aspecto da cidade, que parece abandonada e a morrer, tiram-nos o desejo de usufruir da paisagem.

Nikolaievsk foi fundada pelo célebre almirante Guenádi Nevelskói ainda não há muito tempo, em 1850. E esta data é talvez o único marco histórico da cidade. Até cerca de 1870, implantou-se aqui a civilização, sem falarmos nos soldados, nos prisioneiros e nos deportados. Na cidade, estabeleceram-se então os funcionários administrativos da região, apareceram todos os tipos de aventureiros russos e estrangeiros, instalaram-se colonos livres atraídos pela extraordinária abundância de peixe e de animais cujas peles rendem muito dinheiro; e é provável que a cidade não fosse desprovida de interesse humano, porque um académico que por aqui passou julgou que seria útil — e possível — dar uma conferência pública no Círculo cultural. Mas, nos dias de hoje, metade das casas, abandonadas pelos seus proprietários, ameaça ruína, e as janelas sombrias com as vidraças partidas olham-nos como as órbitas vazias

de um esqueleto. Para além disso, os actuais habitantes, na graça de Deus e de barriga vazia, vivem na indolência e na bebedeira, limitando-se a mandar peixe para Sacalina, a saquear as minas de ouro, a explorar os indígenas, e a vender as *pontas*, quer dizer, os cornos das renas com que os chineses fabricam pílulas afrodisíacas. Na estrada de Khabárovsk para Nikolaievsk, encontrei muitos contrabandistas que nem sequer procuravam dissimular a sua actividade. Um deles disse-me com orgulho, enquanto me ia mostrando pepitas de ouro e cornos de rena: «O meu pai também era contrabandista!» A exploração dos indígenas, além de ser feita através da incitação ao excesso de bebida, ao embrutecimento e aos males habituais, manifesta-se, por vezes, de uma forma mais original. Assim, por exemplo, Ivanov, um negociante de Nikolaievsk, já falecido, ia todos os Verões a Sacalina para cobrar uma dízima, que impusera aos guiliaks, sob pena de sujeitar os maus pagadores à tortura e à forca.

Na cidade não há hotéis. Depois de almoço, deram-me autorização de fazer a sesta no Círculo, numa sala de tecto baixo onde, conforme me foi dito, se faziam bailes no Inverno. Quando perguntei onde poderia passar a noite, limitaram-se a encolher os ombros. Não havia nada a fazer, tive de voltar para bordo, o que aconteceu duas noites seguidas. Mas, quando o barco partiu para Khabárovsk, fiquei outra vez «a ver navios»: onde ficar? As minhas bagagens estavam no cais, e eu deambulava ao longo do rio sem saber onde me havia de enfiar. O *Baikal* fundeou a duas ou três *verstás* de distância, em frente da cidade. É este barco que me deve conduzir no Estreito da Tartária, mas diz-se que só deve sair dentro de quatro ou cinco dias, apesar de o pavilhão de partida já lhe ondular no mastro. E se eu fosse para lá agora? Não, pode ser uma situação embaraçosa, não me vão deixar entrar e vão dizer que ainda é muito cedo. Levantou-se o vento, o Amur tornou-se sombrio e agita-se como um mar. A tristeza apoderou-se de mim. Fui ao Círculo, onde prolonguei infinitamente o almoço para matar o tempo. Na mesa vizinha, ouvi falar de ouro, de cornos de rena, de um prestidigitador que apareceu na cidade, de um japonês que arranca os dentes com os dedos em vez de usar boticão. Ao ouvir com atenção, durante muito tempo, estas conversas, disse para comigo: «Meu Deus! Como a vida desta gente está longe do modo como se vive na Rússia!» A começar pelo *balyk*², que acompanha os cálices de *vodka*, e a acabar nas conversas, tudo tem a sua própria especificidade e não tem nada a ver com o nosso país. Enquanto navegava ao longo do Amur, tinha a impressão de estar num lugar como a Patagónia ou o Texas, mas não na Rússia. Para já não falar da paisagem, que é inteiramente especial, sentia a cada mo-

mento que a maneira de viver dos habitantes das regiões do Amur divergia totalmente da nossa, que eles nunca conseguiriam compreender Púchkin ou Gógol, os quais, por conseguinte, lhes pareciam inúteis, que a nossa História os aborrecia, e que nós, pessoas recém-chegadas da Rússia, lhes parecíamos estrangeiros. Em relação à religião e à política notei uma indiferença total. Todos os padres que aqui vi comem carne durante a Quaresma; e cheguei mesmo a saber que um deles, que se veste com um cafetã de seda branca, rivaliza com as suas ovelhas no ardor de pilhar as minas de ouro. Se querem ver um habitante desta região a morrer de aborrecimento e a bocejar, falem-lhe de política, do governo russo, da arte da Rússia. As suas regras de moral não têm nada a ver com as nossas. Manifestam em relação às mulheres uma atitude cavalheiresca que quase atinge as dimensões de um culto mas, ao mesmo tempo, não vêem nada de censurável em cederem, por dinheiro, a mulher a um amigo. E ainda há mais: por um lado, não têm preconceitos de casta e tratam de igual para igual os deportados políticos, mas, por outro, não vêem grande mal em disparar, na floresta, às escondidas, sobre um vagabundo chinês, ou mesmo sobre um corcunda.

Mas voltemos à minha história. Não tendo encontrado abrigo, ao cair da tarde decidi mesmo recolher-me no *Baikal*. Mas tive de enfrentar uma nova contrariedade: o vento tinha provocado uma ondulação muito forte e os barqueiros guiliaks recusaram-se a atravessar o rio, embora eu lhes tivesse oferecido uma soma considerável. Então, vi-me a deambular de novo ao longo da margem do rio sem saber o que fazer. Contudo, quando o Sol descia no horizonte, as vagas do Amur viraram-se para norte. Tanto numa margem como noutra, os cães guiliaks faziam um concerto de uivos enlouquecidos. «Por que razão vim para estas paragens?», interrogava-me, e pareceu-me que, ao empreender esta viagem, me tinha comportado com uma terrível leviandade.

A ideia de que estava próximo da colónia penal, que dentro de alguns dias poria o pé nas terras de Sacalina sem possuir uma única carta de recomendação, e que, talvez por isso, me iriam pedir para voltar para onde tinha vindo, continuava a preocupar-me. Por fim, lá encontrei dois guiliaks que concordaram em me transportar por um rublo num esquife formado por três tábuas pregadas a trouxe-mouxe, mas lá cheguei ao *Baikal* sem qualquer percalço.

É um barco preparado para navegar no mar, de calado médio, um rico candongueiro bastante aceitável (quando comparado com as modestas embarcações de cabotagem do lago Baikal e do rio Amur), que as-

segura a ligação entre Nikolaievsk, Vladivostok e os portos japoneses. Habitualmente, transporta correio, soldados, condenados, passageiros e mercadorias (quase sempre pertencentes ao Estado), o que lhe proporciona uma choruda subvenção, devido a um tratado assinado com o Tesouro. O barco é obrigado a aportar a Sacalina várias vezes durante o Verão, no Posto de Aleksandrovsk (a norte) e no de Korsakovsk (a sul). Tem umas tarifas muito elevadas, as mais elevadas do mundo, creio eu. A colonização, que exige acima de tudo liberdade e facilidade de movimentos, associada a tarifas altíssimas, parece-me absolutamente incompreensível. A sala de jantar e os camarotes do *Baikal* são exíguos mas estavam limpos e mobilados inteiramente à europeia, havendo até um piano. Nós, os passageiros, éramos servidos por chineses com longos aventais que se denominavam *boys*, à inglesa. O cozinheiro de bordo também era chinês, mas preparava-nos pratos russos, embora todos eles estivessem temperados com caril e exalassessem um odor que fazia lembrar o do *corylopsis*³.

Farto de leituras que só me falavam das tempestades e dos gelos do Estreito da Tartária, esperava encontrar a bordo caçadores de baleias com vozes roucas e a cuspirem tabaco de mascar; no entanto, só encontrei pessoas de estatuto social bem elevado. O capitão, M. L., nascido na Rússia ocidental, que navegava pelos mares setentrionais há mais de trinta anos, percorrendo-os de um extremo a outro, já tinha tido oportunidade de observar um monte de coisas extraordinárias, sabia muito, e era um admirável contador de histórias. Metade da sua vida tinha sido gasta a dobrar e a passar tantas vezes em torno de Kamchatka e das Ilhas Curilhas, que, na minha opinião, tem mais direito a falar dos «desertos mais estéreis, dos elementos medonhos e das inabordáveis falésias» do que Otelo. Devo-lhe um infindável número de ensinamentos utilizados nestas notas. Tinha três adjuntos: o senhor B., sobrinho do célebre astrónomo, e dois suecos, umas pessoas amáveis e muito generosas: Ivan Martínitch e Ivan Veniamínitch.

O *Baikal* levantou ferro a 8 de Julho, antes do almoço. Tínhamos conosco cerca de trezentos soldados comandados por um oficial e alguns prisioneiros. Um deles estava acompanhado pela filha, uma pequenita de cinco anos, que se agarrou às correntes quando o pai trepava a escada do portaló para subir a bordo. Também me chamou a atenção o marido de uma condenada que, voluntariamente, tinha decidido acompanhá-la à colónia penal⁴. Além do oficial e de mim próprio, seguiam também, na primeira classe, alguns viajantes de ambos os sexos e até uma baronesa. O leitor não deve ficar admirado de ver tantas pessoas distintas neste de-

serto. Em função da baixa densidade populacional, a *intelligentsia* representa uma percentagem bastante elevada e é aqui proporcionalmente mais numerosa do que a que existe em qualquer outra região da Rússia. Nas margens do Amur, há uma cidade que tem dezasseis generais civis ou militares⁵. E talvez nesta altura até já tenha mais.

O dia estava calmo e luminoso. Na coberta estava calor, nos camarotes abafava-se e a água estava a dezoito graus. Um tempo digno do Mar Negro! Na margem direita, a floresta ardia: da sua massa verde e contínua saíam labaredas púrpura; os turbilhões de fumo misturavam-se no ar e uma longa faixa, imóvel e negra, permanecia suspensa por cima das árvores... O incêndio era colossal, mas em volta dele tudo parecia calmo e silencioso, e toda a gente parecia indiferente ao ver assim em perigo florestas inteiras. Pelos vistos, o ouro verde nestas paragens só diz respeito a Deus.

Cerca das seis da tarde estávamos já perto do Cabo de Prongue. Aqui termina a Ásia e poderíamos dizer que o Amur se lança no grande Oceano Pacífico, não fosse o caso de Sacalina se interpor entre ambos. O estuário estende-se aí a toda a largura e, para além dele, distingue-se apenas uma sombra disforme na bruma: é a ilha da colónia penal. À nossa esquerda, a costa, dispersando-se nas suas próprias ondulações, funde-se com o nevoeiro e perde-se no norte misterioso. Julgamo-nos no fim do mundo, para lá de qualquer destino possível. O sentimento que se apossa de nós é sem dúvida semelhante ao de Ulisses, ao navegar num mar desconhecido e pressentindo vagamente que ia encontrar seres fabulosos. E, de facto, surgindo à nossa direita e vindas de uma faixa de areia, onde se aninhava uma aldeia guiliak, precisamente no momento em que íamos virar na direcção do estuário, precipitaram-se para nós, a toda a velocidade, duas barcas carregadas de umas estranhas personagens que, numa língua incompreensível, vociferavam qualquer coisa enquanto agitavam uns objectos nas mãos. Era difícil reconhecer o que traziam mas, à medida que se aproximavam, apercebi-me de que se tratava de uns pássaros cinzentos.

— São patos bravos que caçaram e que pretendem vender-nos — explicou-nos já não me lembro quem.

Virámos então para estibordo. O nosso itinerário estava inteiramente balizado por marcas que delimitavam o canal. O comandante nem por um momento abandonava o seu posto, nem o maquinista a casa das caldeiras; por seu lado, o *Baikal* avançava cada vez mais lentamente, como que a tactear. Impunha-se uma grande prudência, porque facilmente podíamos encalhar. O barco tinha um calado de doze pés e meio; ora,